

# CHE GUEVARA E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO SOCIALISTA

Everaldo de Oliveira Andrade

A preocupação com a construção de novas instituições políticas que permitam a ampliação e efetiva participação popular nos processos políticos esteve sempre no centro das preocupações de vários revolucionários socialistas. Este texto procura resgatar no pensamento e na ação de Che Guevara, suas opiniões e posições em relação à construção do Estado socialista e as formas e meios de participação política das massas populares no processo revolucionário.

A visão política de Che esteve relacionada às suas experiências anteriores à revolução cubana. Desde muito cedo viajou pelos países da América Latina, sentindo de perto o vibrar candente da luta de classes no continente. Che esteve na Bolívia em 1953 e presenciou o desenrolar da revolução boliviana que se iniciara em abril de 1952. As limitações ao processo revolucionário boliviano impostas pela liderança do MNR (movimiento nacionalista revolucionário) um grupo político da pequena burguesia nacionalista, se chocavam com a combatividade do movimento operário dos mineiros e os sindicatos camponeses que apontavam para uma radicalização socialista da revolução. As limitações ao processo de reforma agrária, rearticulação do exército, retomada e estreitamento de relações com os EUA, a cooptação do movimento sindical e camponês, foram fenômenos que não passaram despercebidos para Che.

A revolução boliviana não superou sua fase nacionalista e encerrou-se com um sangrento golpe militar em 1964. Che referiu-se à revolução boliviana como um dos grandes exemplos para Cuba: *“Bolívia, a de Murillo, o protomártir da independência americana, cedeu ante as dificuldades terríveis da luta, apesar de ter iniciado dando três exemplos que serviram fundamentalmente à revolução cubana: a supressão do exército, a reforma agrária e a nacionalização de suas minas - às vezes fonte máxima de riquezas e máxima fonte de tragédias”*<sup>1</sup>. Esta experiência destacou questões fundamentais: as limitações políticas dos movimentos nacionalistas e democráticos de origem pequeno-burguesa de provocarem rupturas revolucionárias, a capacidade de rearticulação da burguesia mesmo sob os escombros do Estado destruído, o desarme político do movimento operário e camponês que não conseguiu agir de forma independente.

No ano seguinte em 1954, Che presenciava a derrocada do regime de Jacob Arbenz na Guatemala. É nesse período que Che toma contato e aprofunda-se no estudo de obras marxistas, e passa também a se envolver com atividades de sustentação do governo de Arbenz. A invasão da Guatemala será um acontecimento decisivo na formação das convicções políticas de Che. O pacifismo de Arbenz para enfrentar a contra-revolução teria levado Che a uma trajetória de radicalização marxista<sup>2</sup>. Depois da experiência na Bolívia e na Guatemala, Che voltou-se para uma forma de pensar a transformação social na América Latina distante de qualquer crença na capacidade revolucionária das burguesias nacionais e dos grupos nacionalistas pequeno-burgueses latino-americanos, ou na possibilidade de transformação social pelas vias institucionais.

Embora sem descartar a necessidade de explorar os espaços democráticos para a organização da luta revolucionária, Che não via a defesa das lutas democráticas, ou na exploração dos espaços da institucionalidade burguesa, como melhores vias para alavancar processos revolucionários: *“Nas condições atuais de nosso continente é possível conseguir esse objetivo? (o poder socialista) de maneira pacífica? Nós respondemos decididamente: na imensa maioria dos casos não é possível.. Se chegaria no máximo a conquista formal da*

<sup>1</sup>Che Guevara, Organização da primeira guerrilha na clandestinidade, In: *Textos revolucionários*, São Paulo, Edições Populares, 1980, p. 100.

<sup>2</sup>Michel Lowy, *O pensamento de Che Guevara*, s/l, Bertrand, 1976, p. 20-22.

*superestrutura burguesa de poder...*”<sup>3</sup>. Na verdade essa posição embutia uma severa crítica ao pacifismo e adaptação dos partidos comunistas latino-americanos, ainda principais referências para muitos revolucionários do continente, à institucionalidade burguesa.

Ao estabelecer a luta armada como a ação central da luta revolucionária, Guevara saltava por cima das ilusões democráticas presentes nas massas populares. Esse era um ponto de ruptura importante mesmo com as teses originais dos quatro primeiros congressos da III Internacional e terá repercussões nas suas posições sobre a construção do futuro estado socialista cubano. Estas teses da III Internacional reafirmavam que nos países de capitalismo atrasado ou semi-coloniais, os comunistas teriam um papel de vanguarda nas lutas democráticas e nacionais como tática para liderar o conjunto da nação oprimida pelo imperialismo e derrotar suas burguesias. A burocratização da III Internacional sob Stalin desvirtuou essa tática para a chamada revolução em duas etapas, colocando as forças do proletariado como auxiliares de pretensas burguesias progressistas e nacionalistas em ruptura com o imperialismo. Somente numa segunda etapa, quando estivesse consumada a revolução democrática e nacional, os comunistas poderiam avançar as bandeiras da revolução socialista. A história da América Latina é um dos testemunhos mais tristes da tragédia consumada por estas teses. Em Cuba mesmo situa-se um dos exemplos marcantes. Os comunistas cubanos organizados no PSP (Partido Socialista Popular) apoiaram Fulgêncio Batista até as vésperas de sua derrubada e boicotaram o quanto puderam a guerrilha do Movimento 26 de julho liderada por Fidel Castro. Por outro lado, os crimes políticos de Stalin não devem ser confundidos com o período criador da III Internacional. A chamada estratégia da Assembléia Constituinte, a necessidade dos operários como vanguarda da defesa da democracia e da nação, permaneceram. Trotski e a IV Internacional a retomaram em 1938, reafirmando a necessidade de que a classe operária fosse a vanguarda dos processos revolucionários, combinando e assumindo as reivindicações democráticas e nacionais das nações e países de capitalismo atrasado e combinando-as num mesmo processo revolucionário com as reivindicações de caráter socialista (revolução permanente). Secundarizar as bandeiras democráticas e a disputa dos espaços permitidos pela institucionalidade burguesa, trazia uma outra implicação, de que forma o povo exercitaria a futura condução do poder político?<sup>4</sup>

Outro posicionamento importante de Che que o destacou foi sua crítica às alianças com as burguesias nacionais como tática para a revolução. Em mensagem à OSPAL (Conferência dos Povos da Ásia, África e América latina) em 1967 Che disse: *“As burguesias autóctones perderam toda capacidade de oposição ao imperialismo, se alguma vez tiveram (...) Não existem outras mudanças a fazer: ou revolução socialista ou uma caricatura de revolução”*. A possibilidade da revolução se estender para o continente existia, as burguesias nacionais não seriam capazes de manter uma luta anti-imperialista, as burguesias lutavam sempre abertamente contra a revolução. *“(...) A política passiva nunca traz bons resultados na luta de classes e as alianças com a burguesia, por revolucionária que esta pareça num momento dado, só tem caráter transitório, há razões de tempo que induzem a tomar outro partido. (...) As burguesias nacionais se uniram ao imperialismo norte-americano, em sua grande maioria, e devem ter a mesma sorte que este em cada país. Ainda nos casos em que se produzam pactos ou coincidências de contradições entre as burguesias e outros imperialismos como o norte-americano, isto se sucede no marco de uma luta fundamental que englobará necessariamente, no curso do seu desenvolvimento, a todos os explorados e a todos os exploradores. A polarização de forças antagônicas de adversários de classe é, até agora, mais veloz que o desenvolvimento das contradições entre os exploradores pela*

<sup>3</sup>Che Guevara, *Tática e estratégia da Revolução latino-americana*, Verde Olivo, 2, 1968, p. 508.

<sup>4</sup>A esse respeito Antonio Gramsci escreveu uma contribuição esclarecedora: “O Estado socialista existe já potencialmente nas instituições da vida social características da classe trabalhadora explorada. Conjugar estas instituições, coordená-las e subordiná-las em uma hierarquia de responsabilidades e de poderes, centralizá-las - respeitando, no entanto a necessária autonomia -, significa criar desde agora mesmo uma verdadeira democracia operária, eficiente e ativa, em contraposição ao Estado burguês...”, In: Antonio Gramsci, *Consejos de Fabrica y estado de la clase obrera*, México, Roca, 1973, pp. 20-21.

*repartição do botim*”<sup>5</sup>.

Che nunca militara de forma organizada em um grupo político até conhecer os exilados cubanos e isso o ajudou de certa forma a não se alinhar diretamente com o dogmatismo estalinista. Refugiado no México, Che tomou contato com os preparativos do grupo de Fidel Castro. O Movimento 26 de julho era um grupo nacionalista radical com poucas elaborações teóricas e políticas e basicamente voltado para a ação. Estas características pouco homogêneas do grupo de Fidel permitiram acomodar Che, apesar de suas preocupações e posições políticas. Via inclusive o Movimento 26 de julho como uma formação burguesa de esquerda.

As posições de Che, se partiam de alguma forma da avaliação da paralisia e conivência dos partidos comunistas com a ordem capitalista, não se identificavam com as teses da IV Internacional e dos trotskistas. Era necessário sim criarem-se condições subjetivas para a revolução<sup>6</sup> mesmo que terminassem muitas vezes por passar por cima das ilusões eleitorais das massas populares, mesmo se a tática do foco guerrilheiro como fator subjetivo de mobilização revolucionária contivesse como germe o perigo do auto-isolamento em relação ao povo. Para esta questão Che possuía uma resposta, em relação ao processo em Cuba Che dizia que a vanguarda “forçou a marcha dos acontecimentos” mas “dentro dos limites do objetivamente possível”<sup>7</sup>.

Estas posições chocavam-se com a orientação tradicional do estalinismo, sempre pronto a descobrir virtudes progressistas nas burguesias nacionais e com exemplos trágicos para os movimentos revolucionários do continente. A vitória da revolução com um típico giro oportunista do PSP colocou Che frente a frente com os estalinistas cubanos. Os estalinistas cubanos, fiéis às suas teses originais, enfatizaram que a vitória da revolução cubana fora um acontecimento excepcional que não teria validade estratégica para outras regiões. Para Che no entanto, a única excepcionalidade fora a desorientação dos EUA em relação à revolução aliada à liderança excepcional de Fidel Castro. Tratava-se para Guevara de estudar e sistematizar os ensinamentos da revolução de Cuba e estendê-la para toda a América Latina.

Como se deu a participação das massas na revolução cubana? A primeira fase da revolução é bem conhecida, mas dois fatos merecem destaque e mostram claramente a irrupção de massas ocorrendo em paralelo à guerrilha: o maciço boicote popular às eleições de 3 de novembro de 1958 e a greve geral de uma semana após a fuga de Batista. No entanto, as primeiras declarações de Castro após a vitória são extremamente tímidas: reforma agrária limitada a um setor excedente de grandes propriedades, uma pequena depuração no aparelho de Estado e um governo provisório com setores da burguesia cubana. Há desde o princípio uma contradição evidente entre as expectativas revolucionárias das massas e os objetivos da direção do Movimento 26 de julho. O Movimento 26 de julho era um grupo político heterogêneo, nacionalista e democrático e com um objetivo sincero de derrotar pela via revolucionária a ditadura de Fulgêncio Batista e restabelecer a democracia burguesa.

Estas poucas medidas iniciais do governo provisório provocam a mobilização favorável das massas populares e uma reação brutal do imperialismo ianque e da burguesia cubana. O afastamento do presidente Urrutia e de outros ministros burgueses em 18 de julho de 1959 marcam uma virada na revolução. Fidel e o Movimento 26 de Julho são obrigados a escolher entre ceder às pressões do Estados Unidos ou aprofundar a revolução sob impulso das mobilizações de massa. Milícias operárias e camponesas, comitês de defesa da revolução, comitês de fábrica surgem neste momento sem controle pleno do governo como expressão de formas embrionárias de poder local<sup>8</sup>. Mas para fazer face às provocações externas, o governo

<sup>5</sup>Che Guevara, Guerra de guerrilhas: um método, In: *Textos Revolucionários*, op cit, p. 83.

<sup>6</sup>M. Lowy, op cit, p. 29.

<sup>7</sup>Che Guevara, *Textos Políticos*, p. 195 (citado por M. LOWY, op cit. p.30)

<sup>8</sup>Stéphane Just- *A revolução proletária e os estados operários burocráticos*, São Paulo, Palavra, 1980, pp. 102-103.

cubano se aproxima da URSS e incorpora os stalinistas cubanos no governo. Mas ao contrário do Movimento 26 de julho, o PSP mesmo com menos militantes tinha a vantagem de sua homogeneidade política, o que o ajudou a rapidamente ocupar espaços estratégicos no novo governo.

A agressão dos mercenários pagos pelos norte-americanos na Baía dos Porcos em 14 de abril de 1961 acelerou a revolução. Foi logo após esse ataque que Fidel proclamou que Cuba realizava uma revolução socialista. O velho estado burguês ainda mantido pelos revolucionários de Sierra Maestra, foi golpeado e derrubado definitivamente com o surgimento massivo das milícias operárias e camponesas formadas para defender a revolução. Foi sobre esse movimento de massas, do prestígio político do Movimento 26 de julho e de seus principais dirigentes, que construiu-se o Estado operário em Cuba<sup>9</sup>. No entanto, por uma série de razões, não houve tempo para que o processo de auto-organização popular amadurecesse em instituições políticas sólidas e com efetivo poder. A principal delas, apesar das divergências que ainda separavam o Movimento 26 de julho do PSP, era a necessidade comum de controlar e conter a mobilização de massas. Estas questões têm importância central, pois tratava-se naquele momento de estabelecer as bases políticas e organizativas para o funcionamento do novo poder.

A partir destas colocações, como se construiria o novo poder, suas novas formas de organização política no pensamento de Che Guevara? A obra e a prática de Che nos fornecem poucas indicações. A experiência do exército guerrilheiro como foco subjetivo, negando certamente a disputa política institucional como eixo de ação da luta revolucionária, não retomava a experiência clássica dos soviets durante a revolução russa, da formação dos órgãos de poder revolucionário no curso do próprio processo revolucionário. A experiência revolucionária em Cuba obedeceu a caminhos diferentes, não surgiram soviets em Cuba bem antes nem depois da revolução como base do novo estado operário, embora as condições para seu desenvolvimento existissem. Como Che aproximava-se destas questões?

De maneira mais ampla é inegável que para Che a construção do socialismo passava por uma grande ampliação tanto quantitativa como qualitativa da participação política das massas. Podemos resgatar suas posições a esse respeito na temática do “homem novo” que ele preconizou em muitas ocasiões. Para Che a revolução deveria ser necessariamente um ato consciente dos homens, através de iniciativas que permitissem a transição para a nova sociedade e a resolução de seus problemas nos planos político e econômico. Era necessário criar um homem novo através da educação, da propaganda, do trabalho ideológico, capaz de assumir os novos valores do comunismo, como a solidariedade e a fraternidade no lugar do animal carniceiro criado pelo capitalismo. O trabalho voluntário era visto então como uma prática desse novo sistema em construção que permitisse a ampliação da participação do povo na vida política<sup>10</sup>.

Che via na construção desse homem-novo as possibilidades e a base objetiva para a construção de novas instituições políticas. Na possibilidade de ação consciente e voluntária dos homens que Che via também uma forma de controle dos aparelhos políticos do Estado. A maneira de impedir que se transformassem em aparelhos autônomos e burocráticos seria um constante processo de mobilização e controle popular<sup>11</sup>. No entanto, se a mobilização política e ideológica das massas constituía-se de fato num fator positivo contra as tendências burocráticas, seus limites eram evidentes. O processo constituía-se desde o princípio numa forma verticalizada de cima para baixo, que partiria sempre das necessidades e razões da cúpula de governo. Em segundo lugar, a mobilização popular através do trabalho voluntário por exemplo, contornava a questão da constituição e consolidação dos órgãos próprios do poder operário com caráter deliberativo, que permitissem às organizações operárias e

---

<sup>9</sup>Julio Turra, Cuba, In: A Verdade, 9/10, dezembro de 1994, pp. 71-72.

<sup>10</sup>Michel Lowy, op cit, p. 36-37.

<sup>11</sup>Emir Sader, O Che, depois do Che, in: *Che 20 anos depois*, São Paulo, Busca Vida, 1987, p. 160.

populares de massa um controle desde baixo do seu Estado.

Que indicações nos fornece Che deste novo estado socialista a ser construído além de proclamações com caráter geral de propaganda sobre o homem novo? Se retomarmos as suas idéias sobre o foco guerrilheiro, encontraremos algumas indicações de como Che pensava a construção do novo poder. Nas zonas guerrilheiras deveriam estar em gestação instituições e normas do futuro estado revolucionário. *“A auditoria, o departamento central de justiça, das leis revolucionárias, e da administração, é um dos pontos vitais do exército guerrilheiro já constituído com território próprio.”*<sup>12</sup>. Sobre a ampliação das operações: *“há que criar organizações que, não somente estarão dentro da área liberada, como também terão conexões com áreas adjacentes e que precisamente através delas se poderão ir penetrando na zona para uma futura ampliação da frente guerrilheira”*<sup>13</sup>. As preocupações deveriam se concentrar na luta armada, na consolidação da zona guerrilheira com vida própria, como um pequeno país com estado próprio. Nem partido nem instituições políticas de massa com poder deliberativo são previstos nas zonas liberadas. Estas idéias certamente terão conseqüências quando Che teve que se colocar frente a frente com as questões de construção do novo poder de Estado.

Em outro texto “Guerra de Guerrilhas: um método”, comentando sobre as zonas guerrilheiras há uma rápida menção à questão do futuro estado socialista: *“...nesta zona é que começa a estruturação do futuro aparato estatal encarregado de dirigir eficientemente e ditadura de classe durante o período de transição. Quanto mais longe for a luta maiores e complexos serão os problemas administrativos e em sua solução se treinarão os quadros para a difícil tarefa de consolidação do poder e o desenvolvimento econômico em uma etapa futura”*<sup>14</sup>. Neste momento fica claro que as instituições políticas fundamentais do novo estado operário eram para Guevara o próprio exército revolucionário, ao mesmo tempo partido e embrião do novo estado. Para Guevara o exército guerrilheiro é enquanto tal a expressão superior da soberania popular, é sua vanguarda auto-proclamada: *“A guerra de guerrilhas é a guerra do povo inteiro contra a opressão dominante. O guerrilheiro é a sua vanguarda armada; o exército é constituído por todos os habitantes de uma região ou de um país. Essa é a razão de sua força, de seu triunfo a longo prazo e não a curto, sobre qualquer poder que trate de oprimi-lo; isto é, a base e o substratum da guerrilha está no povo”*<sup>15</sup>A experiência de auto-organização política das massas populares como suporte do novo estado, provavelmente fosse para Guevara uma tarefa posterior à vitória da luta armada e que, pelo menos se daria no seio do próprio exército rebelde.

Já como ministro do governo cubano, Che teve que enfrentar problemas bem concretos em relação à construção do novo Estado. Ao discutir o burocratismo que tomava conta do aparelho estatal nos primeiros anos da revolução, Che localizou três razões que fortaleciam o burocratismo: a falta de consciência revolucionária ou conformismo, a falta de organização e a falta de conhecimentos técnicos. A possibilidade de conter as tendências burocráticas daria-se basicamente através de duas grandes medidas: planificação econômica centralizada e motivação política e ideológica que permitissem também um avanço na qualificação política e técnica dos trabalhadores<sup>16</sup>. No debate econômico que se seguiu à revolução, Che procurou distinguir a burocracia como fenômeno de exercício do poder da burocracia como elemento técnico de organização da produção: *“É evidente que muito menos burocracia existirá quanto mais centralizadas estejam todas as operações de registro e de controle da empresa ou da unidade, de tal forma que, se todas as empresas pudessem ter centralizado todas as suas facetas administrativas, seu aparato se reduziria ao pequeno núcleo de direção da*

<sup>12</sup>Che Guevara, *A Guerra de Guerrilhas*, São Paulo, Edições Populares, 1980, p. 77.

<sup>13</sup>Idem, p. 75

<sup>14</sup>Idem, p. 74.

<sup>15</sup>Che Guevara, O que é um guerrilheiro, In: *Textos Revolucionários*, op cit, p. 18.

<sup>16</sup>Che Guevara, Contra o burocratismo, In: *Textos políticos e sociais*, São Paulo, /edições Populares, 1981, pp. 33-39.

*unidade e ao coletor de informações para transmiti-las à central*”<sup>17</sup>. A avaliação de Che no entanto é frágil ao não abordar o fenômeno da burocratização do aparelho de Estado como um fenômeno político e social, tentando abstrair a burocracia como fenômeno administrativo desligado da luta de classes. A burocratização do regime cubano esteve ligada fundamentalmente a dois fatores já abordados anteriormente: sufocamento da democracia operária que se constituía sob a forma embrionária de órgãos de poder local e imposição das premissas do partido único stalinista.

A esse respeito é importante resgatar as opiniões de Guevara sobre as JUCEI (juntas provinciais de coordenação, execução e inspeção) criadas nos primeiros momentos revolução nas províncias do Oriente, e que estavam em vias de se constituir em poder político local agrupando todas as organizações operárias e populares da região, mas ainda sem uma expressão nacional centralizada: *“As JUCEI desempenham atualmente o papel de poder político local. Enquanto tal, tem algo a ver com todas as medidas tomadas na localidade ou zona respectiva, e mesmo em toda a província. Neste caso, as relações com a direção central são menos importantes. Ao mesmo tempo, as JUCEI tem outra atribuição enquanto aparelho especial de coordenação, vigilância e inspeção do Estado à escala provincial e local, e esta atribuição deve ser examinada com atenção, porque é muito importante. As relações devem colocar-se estritamente na base dos princípios estabelecidos, para que o trabalho das JUCEI não se torne estéril, e também para que seu papel não assuma demasiada importância e que isso não provoque complicações”*<sup>18</sup>. As possibilidades de que as JUCEI assumissem a forma de centros de poder político foram desde o princípio combatidas pelo governo central, procurando impedir a expansão de suas atribuições e responsabilidades. O avanço da auto-organização popular seria certamente um instrumento para deter a burocratização do regime.

Apesar de suas preocupações com a participação consciente das massas no processo revolucionário, a estratégia de guerra de guerrilhas de Che Guevara projetava perigosamente para uma superconcentração militar e política do poder no núcleo guerrilheiro, frente a limitados ou insipientes canais políticos de participação das massas. Talvez o desejo de distanciamento em relação à degeneração burocrática dos estados operários tenha feito Guevara pouco se valer da rica e original experiência da Primeira República dos soviets e de outras experiências onde os operários deram início à construção de seus órgãos próprios de poder. A ausência de efetivos órgãos de poder de massa surgidos ao longo do processo revolucionário cubano, permitiram ao aparelho stalinista do PSP em aliança com o Movimento 26 de julho, engolfarem e subordinarem a revolução cubana através da constituição de um estado burocrático, adiantando-se às possibilidades de auto-organização das massas que apoiavam a revolução<sup>19</sup>. Che Guevara anteviu os problemas e tendências do burocratismo estatal e tentou combatê-los com armas originais mas limitadas, ao não observar no burocratismo um fenômeno político e social mas uma questão técnica e organizativa. Embora tenha se distanciado pontualmente da tradição stalinista, Che participou da constituição do partido único fundindo o Movimento 26 de julho e o PSP, perseguiu dissidentes como os trotskistas cubanos, abafou as possibilidades de expansão das JUCEI como órgãos de poder local.

A gênese das idéias guevaristas sobre a construção do poder socialista, do Estado operário,

---

<sup>17</sup>Paulo Sandroni, O Che e a economia, In: *Che 20 anos depois*, op cit, pp. 131-132.

<sup>18</sup>Che Guevara, Discussão coletiva, decisão e responsabilidades únicas, In: *Textos Econômicos*, São Paulo, Centro Editorial Latino Americano, 1980, p. 215.

<sup>19</sup>Debatendo sobre estas questões durante o processo de constituição dos soviets na Rússia de 1917, Trotski afirmava que: “Em épocas revolucionárias, as massas oprimidas são arrastadas à ação direta mais fácil e rapidamente do que aprendem a dar a seus desejos e às suas reivindicações uma expressão adequada por intermédio de uma representação genuína. Quanto mais abstrato é o sistema representativo, tanto mais ele se atrasa em relação ao ritmo dos acontecimentos determinados pela ação das massas” (In: *História da Revolução Russa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol. 1, p. 299). A burocratização do regime cubano esteve ligado a esta questão: o descompasso entre a ação revolucionária de massas e as formas de suas representação política genuínas.

encontram-se em suas elaborações sobre a guerra de guerrilhas. No início deste trabalho destacamos que a experiência anterior à revolução cubana colaborou para forjar duas idéias centrais no pensamento de Che: a pouca importância da luta institucional e democrática para a estratégia revolucionária e a impossibilidade de qualquer colaboração política com as burguesias nacionais do continente. Passada a experiência vitoriosa da revolução cubana, estas foram as bases para suas teses sobre a guerrilha como eixo central da ação revolucionária. Mesmo que Che tenha contribuído com originalidade, o guerrilheirismo gestava para um futuro Estado socialista grandes contradições. O conceito guevarista da fusão povo-estado-partido-exército rebelde como princípio para a expansão do foco guerrilheiro, é absolutamente incoerente com a construção de um estado socialista baseado em órgãos de poder de massa, onde a plena democracia operária e popular possa existir. Assim, desde o princípio o Estado socialista se construiria super-centralizado e militarizado, verticalizado e distanciado dos grandes centros urbanos e operários. A construção de um Estado burocrático, mesmo se tendo bases sociais operárias e camponesas, estava colocada com grande probabilidade na base das concepções guevaristas de tomada do poder.